

ANAIS DO CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST

ANAIS. EST. EDU. BR/CONGRESSO



UNÇÃO COM ÓLEO E CURA DIVINA

Hilberto Carlos Schaurich¹

Resumo

Na atualidade, o uso da unção com óleo é prática comum em diversos segmentos religiosos. Este artigo abordará, com referência à epístola universal de Tiago 5.14,15, a prática da unção com óleo em pessoas doentes, juntamente com a oração da fé, para a cura divina de doenças. O óleo utilizado na unção dos enfermos representa o sinal visível e tangível do poder de Deus e os cristãos crêem que, ao praticá-la, o Senhor curará o enfermo, pois tal ação confirma sua fé em Deus. Trata-se de uma pesquisa exploratória com levantamento bibliográfico sobre o uso da unção com óleo em pessoas doentes, não como fator curativo, mas como símbolo no ato de curar e dos elementos necessários para a cura dos enfermos em nome do Senhor.

Palavras-chave: Unção com óleo. Fé. Cura.

Abstract

The use of anointing with oil has been common practice in many religious segments nowadays. This article will discuss, with reference to the universal book of James 5.14-15, the practice of anointing with oil on sick people, along with the prayer of faith for divine healing of diseases. The oil used to anoint the sick is the visible and tangible sign of God's power and Christians believe that, by practicing it, the Lord will heal the sick, as this action confirms their faith in God. This is an exploratory research with bibliographical survey on the use of the anointing oil on sick people, not as a healing factor, but as a symbol in the act of healing and the elements required for the healing of the sick in the name of the Lord.

Keywords: Anointing with Oil, Faith. Healing.

Considerações iniciais

A unção com óleo para cura divina é uma prática bastante difundida no último século, principalmente no meio pentecostal e carismático, e este é o tema a ser desenvolvido neste artigo. O foco central deste trabalho está em analisar os elementos envolvidos no processo da cura divina por meio da unção com óleo.

¹ Bacharel em Teologia pelo STERGS, Bacharel em Administração pela Unisinos, discente do PPG da EST no mestrado de Teologia e bolsista da Capes.

Muitas pessoas em nossos dias, vão a igreja em busca da cura divina para suas enfermidades, pois crêem que Deus as pode curar e pela fé muitas delas alcançam a graça e o favor divino. Por outro lado, existem os exageros e as discrepâncias em torno desta prática e ensino dando-se mais ênfase ao fator humano, ou seja, as ações do homem, do que ao fator divino, a Deus que realiza a cura. “É lamentável que os princípios do evangelho sejam banalizados por práticas exibicionistas e mercenárias, deturpando um serviço do evangelho que deve ser feito para a glória de Deus”.² Diante desta realidade, vemos neste trabalho a sua relevância, e pretendemos reforçar as ações bíblicas que estão disponíveis para nós e do seu uso correto mediante ensinamento bíblico.

Temos poucas referências no NT que tratam à respeito da unção com óleo para cura de enfermos, e estas referências são Mc 6.13 e Tg 5.14,15, e é com base na epístola de Tiago que fundamentaremos o presente artigo.

Serão trabalhados alguns conceitos para o desenvolvimento deste trabalho. Iniciaremos conceituando o termo unção. Na bíblia sagrada este termo aparece com dois significados. *Aleipho* (ungir), cujo significado é untar, esfregar o azeite sobre o corpo ou ferimentos, normalmente se emprega com respeito a ungir no sentido literal e é este o termo utilizado em Tg 5.14; e *Crio* (ungir), empregado no sentido simbólico ritual, usado na unção de coisas e pessoas.³

Outro termo é cura divina, que é um ensinamento bíblico e faz parte do plano global da salvação do homem, pois a salvação engloba tanto a materialidade (corpo) quanto sua espiritualidade (alma). “A cura divina é uma bênção divinal para todos quantos crêem que Jesus é o Senhor e salvador da alma e do corpo, apesar de não se restringir aos crentes, mas é um privilégio comum a todos os filhos de Deus”.⁴

Origem e definição da unção com Óleo

O termo grego *aleipho* (ungir), ocorre já no grego miceneano, e indica como a gordura mole (*myron*, unguento) ou o azeite (*elaion*), é untado ou derramado sobre uma pessoa ou objeto.⁵

A prática da unção com óleo é muito antiga, podendo ser averiguada em culturas pré-hebréias.

² CABRAL, E. Cura Divina, Provisão para os Tempos Atuais. *Manual do Obreiro: Doutrinas Bíblicas Pentecostais*. Rio de Janeiro, Ano 31, n.45, p.45, 2009.

³ BRUNOTTE, W. *aleipho* (ungir). In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 2. p. 2568.

⁴ CABRAL, 2009, p.43.

⁵ BRUNOTTE, 2000, p. 2568.

A prática pode ter surgido nas práticas nomádicas de sacrifício, como a de untar de gordura os potes totens, como parte de alguma refeição comunitária. Ou pode ter surgido com base em unções para fins medicinais, quando se esperava a cura. Várias formas dessa prática foram bem averiguadas na Babilônia e no Egito, antes dos tempos bíblicos. A unção de reis, sacerdotes, etc., eram formas comuns. Além disso, tal prática estava associada ao exorcismo e às cerimônias que preparavam os jovens para sua entrada na sociedade dos adultos.⁶

No início da história humana, as propriedades purificadoras e fortificantes dos unguentos e óleos eram aplicados não somente com o objetivo de purificação, higiene do corpo e seu embelezamento, mas também para o tratamento de feridas e a cura de doenças. “Não é possível desatrelar as propriedades terapêuticas reais dos conceitos mágicos que estão associados à unção pois, cada doença era associada ao poder de deuses ou demônios”.⁷

“A unção adquiriu um significado a mais, que talvez remete a estas idéias mágicas, quando a unção era praticada na posse de um oficial ou rei vassalo no Egito, ou de um sacerdote na Babilônia”.⁸

Diferentemente de *aleipho*, *chrio* (outro termo grego para ungir) é empregado mais no sentido simbólico, ritualístico. “Sendo assim, a ação indica obrigação e honra, e também proteção para aquele que é ungido. Reis, sacerdotes, profetas, árvores sagradas, ídolos e até armas eram unguidas. Por este meio, podiam ser investidos de poderes especiais”.⁹

Tanto pessoas quanto coisas eram unguidas a fim de significar santidade ou separação para Deus. A seguir, veremos alguns exemplos de coisas e pessoas que eram unguidas, para ambos os casos, o termo grego aqui aplicado para unção é *Chrio*.

São mencionados no AT a unção das seguintes coisas: i) Unção de colunas (Gn 28.18; 35.14); ii) O tabernáculo e seu mobiliário (Ex 30.22). O tabernáculo e seus utensílios foram unguidos, incluindo todos os seus móveis (Ex 30.26-29; 40.9-11); iii) O altar foi ungido (Ex 29.36); iv) A unção de escudos (2 Sm 1.21; Is 21.5), com objetivo de consagrá-los para a guerra.¹⁰

Quanto a unção de pessoas encontramos os exemplos a seguir: i) Os reis (Jz 9.8; 2 Sm 2.4; 1 Rs 1.34); “O azeite era derramado sobre as cabeças dos reis como símbolo de sua

⁶ CHAMPLIN, R.N. *O Antigo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*. 2. ed. São Paulo: hagnos, 2001. v.7. p. 5409.

⁷ BRUNOTTE, 2000, p. 2568.

⁸ BRUNOTTE, 2000, p. 2568.

⁹ MÜLLER, D. *chrio* (ungir). In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 2. p. 2569 - 2570.

¹⁰ CHAMPLIN, 2001, p. 5409.

consagração ao ofício. Sacerdotes ou profetas, como representantes de Deus, usualmente encarregavam-se do ato da unção o que fazia do rei um servo de Deus”.¹¹

Este ritual da unção dos reis gerou o termo “ungido do Senhor”, e esta expressão tornou-se sinônimo “virtual” de rei (1 Sm 12.3,5; 2 Sm 1.14,16; Sl 20.6); ii) Os sacerdotes (Ex 28.41). A unção de um sacerdote lhe conferia um ofício vitalício (Lv 7.3ss.; 10.7; 4.3; 8.12-30); iii) Os profetas. Elias comissionou Eliseu como seu sucessor por meio de unção (1 Rs 19.16). A comparação do Sl 105.15 e 1 Cr 16.22 parece indicar que pelo menos alguns profetas foram ungidos, o que os consagrou como representantes de Deus para anunciar a mensagem espiritual; iv) De hóspedes e estranhos, como sinal de respeito e hospitalidade (Lc. 7.38; Lc 7.46); v) Dos mortos, como um sinal de consagração do morto a Deus (Nm 5.22; Jr 8.22).¹²

A unção no Antigo e Novo Testamento

A prática da unção com óleo era comum no Antigo Testamento, tanto em Israel quanto fora de Israel. “Na Septuaginta (LXX) *aleipho*, que equivale ao hebraico *sûk* e *tûah*, normalmente se emprega com respeito a ungir no sentido literal: untar para cuidar do corpo e da beleza (Rt 3.3; 2 Cr 28.15; Dn 10.3; Jz 16.8)”.¹³ Durante o período de luto a unção não é utilizada (2 Sm 14.2; 12.20) e quando o hospedeiro unge, é sinal que ele cuida do seu hóspede e o honra (Sl 23.5). Há também no AT, algumas referências a prática de ungir, onde não se emprega nem *aleipho* nem *chrio*, esses casos são: com propósitos medicinais (Is 1.6; Jr 51.8), para expressar alegria (Is 61.3) e para honrar os mortos (Gn 50.2; 2 Cr 16.14).¹⁴

No NT, *aleipho* refere-se a ação física de ungir, usada exclusivamente sobre pessoas com a finalidade de: cuidar do corpo (Mt 6.17); como sinal de honra a um hóspede (Lc 7.38, 46; Jo 11.2; 12.3); honrar os mortos (Mc 16.1); e curar os enfermos (Mc 6.13; Tg 5.14), e os unguentos empregados na unção são azeite, mirra e bálsamo.¹⁵

Em relação ao significado teológico no NT, a unção nos traz três idéias distintas. i) a unção como prática diária no cuidado do corpo - no Sermão da Montanha em Mt 6.17, Jesus ordena àqueles que jejuam não deixem de se ungir, mas que deveriam fazê-lo como se não estivessem jejuando, e que o fizessem como expressão de alegria e não de tristeza; ii) a unção como sinal de honra a um hóspede - ungir a cabeça de um hóspede, era costume judaico na época de Jesus, e em Lc 7.38 ss. temos o exemplo onde um fariseu deixou de

¹¹ CHAMPLIN, 2001, p. 5409.

¹² CHAMPLIN, 2001, p. 5409.

¹³ BRUNOTTE, 2000, p. 5409.

¹⁴ BRUNOTTE, 2000, p. 2568.

¹⁵ BRUNOTTE, 2000, p. 2569.

honrar a Jesus e viu Ele receber esta honra de uma humilde mulher; iii) a unção dos enfermos – prática adotada pelos discípulos e presbíteros da igreja primitiva, como consta em Mc 6.13 e Tg 5.14. As curas levadas a efeito pelos discípulos ou pelos presbíteros da igreja através da unção, ocorreram no contexto da pregação e da oração. Qualquer entendimento semi-mágico da unção, é descartado no texto de Tg 5.14 ss., devido a importância atribuída a oração que a acompanha.¹⁶

O papel dos presbíteros na unção com óleo, sugere que o apóstolo Tiago acreditava que esta prática tem uma importância religiosa especial. Estes eram os principais líderes da igreja no exercício de diferentes funções ministeriais. Os anciãos ou presbíteros, devido a sua consagração, eram agraciados por Deus com dons espirituais, geralmente pela imposição de mãos (1 Tm 4.14) e portanto, esperava-se que fossem capazes de curar os enfermos mediante suas orações, pois mais do que a eloquência verbal eles tinham o poder de Deus em suas vidas.¹⁷

A responsabilidade de orar pelos membros não é somente dos presbíteros, mas de todos os cristãos, que devem orar uns pelos outros para receberem a cura. Mas o ato de ungir é realizado somente pelos presbíteros, quer sejam eles pastores, mestres, etc (1 Tm 5.1,17), não necessariamente capacitados com o dom de curas.¹⁸

Outro elemento importante na unção é o óleo. “Para os antigos, o azeite de oliveira era considerado como dotado de propriedades medicinais contudo, não se atribuía a ele a capacidade de curar qualquer enfermidade”.¹⁹

No mundo grego-romano, o óleo era muito usado para fins medicinais, mas neste texto (Tg 5.14) e em Mc 6.13, não indicam que esse ato tivesse o propósito de ser uma terapia medicinal. Nestas referências, a unção com óleo nos dá a idéia de um simbolismo religioso, não apenas um ponto de contato físico para a fé de alguém.²⁰

¹⁶ BRUNOTTE, 2000, p. 2569.

¹⁷ CHAMPLIN, R.N. *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*. São Paulo: Hagnos, 2002. v. 6. p. 81.

¹⁸ ARRINGTON, 2012, p. 884

¹⁹ CHAMPLIN, 2002, p. 81.

²⁰ ARRINGTON, 2012, p. 884.

Funções da Unção com Óleo

Vamos examinar algumas interpretações quanto as funções da unção com óleo, na história da igreja. i) O Óleo como Sacramento da Extrema Unção; ii) O Óleo foi usado como um Auxílio Psicológico; iii) O Óleo como Símbolo do Favor Divino.

O Óleo como Sacramento da Extrema Unção

A igreja Católica formalizou a extrema unção como sacramento em 852, denominado de “último rito”, e reafirmou-o no concílio de Trento. Esta unção sacramental acompanhada da confissão dos pecados antes da morte, gera o perdão dos pecados e a esperança da salvação e ressurreição em Cristo.²¹

No decorrer da Idade Média, a igreja católica separou esse rito da unção de enfermos e o elevou à categoria de sacramento da extrema-unção, mediante o qual, segundo ensinavam seus teólogos, deveria ser ministrado aos fiéis da igreja que estavam moribundos, ou seja, à espera da morte.²²

Esta visão sacerdotal contradiz o apóstolo Tiago quanto a expectativa de cura, que segundo ele não é uma preparação para o pós-morte e sim a cura física do corpo durante a vida terrena.²³

A extrema unção, é o terceiro sacramento da igreja católica, que é ministrada somente pelo sacerdote, com óleo consagrado pelo bispo. Este ato é realizado visando a remissão dos pecados e alívio da enfermidade corporal, quando oportuno também a salvação da alma.²⁴ Outros casos em que a unção é usada pela igreja católica inclui: “os casos dos doentes que necessitam de uma cirurgia, cuja causa seja uma doença grave; das pessoas idosas, cujas forças se encontrem sensivelmente debilitadas e das crianças enfermas que possam receber o sacramento frutuosamente”.²⁵

²¹ SHOGREN, G. S. *Will God Heal Us: A Re-Examination of James 5.14-16a*. The Evangelical Quarterly 61:2. 1989, p. 104.

²² CAMPELO, Walter A. *Unção com Óleo: uma reflexão bíblica e histórica*. Disponível em: www.cacp.org.br/uncao-com-oleo-uma-reflexao-biblica-e-historica/print. 26 de maio de 2014.

²³ SHOGREN, 1989, p. 104-105.

²⁴ CALVINO, João. *As Institutas*: Ed.clássica. São Paulo: Cultura Cristã. 1985. v.4. p. 434.

²⁵ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Pastoral da Unção dos Enfermos*. Itaici: Paulinas, 1979. p. 30.

O Óleo foi usado como um Auxílio Psicológico

Devemos ter o cuidado de não reduzirmos este versículo, induzindo-o a ensinar que a oração e a unção com óleo prepara psicologicamente o enfermo, de tal maneira que, com fé e confiança, seu corpo natural tenha aumentada a sua resistência às enfermidades. O que é bem possível, mas a cura é efetuada em outra dimensão através de uma ação sobrenatural, fora do controle humano. Podendo algumas vezes, ser operada sem a ação da fé da pessoa que recebe a cura. “Na verdade não sabemos muito bem o que controla as curas, embora saibamos que estão envolvidos fatores espirituais e morais, além da fé. Normalmente a fé é algo necessário, mas não em todos os casos”.²⁶ Jesus ressuscitou a mortos, mas não por meio da fé deles. Como também curou crianças das quais não tinha como se pedir a fé. Contudo, usualmente a fé é necessária.²⁷

O Óleo como Símbolo do Favor Divino

A unção com óleo dos enfermos era amplamente utilizada na igreja primitiva, contudo eles sabiam que não era o azeite que tinha a capacidade de curar as enfermidades, mas o tinham como sinal e pela oração da fé poderiam receber a cura.²⁸

Portanto, sabemos que era usado meramente como sinal visível e tangível do poder de Deus; e os primitivos cristãos criam que o Senhor curaria o enfermo, quando assim fizessem, porque, com tal ação, confirmavam sua fé em Deus. É possível que alguns primitivos cristãos criam que o azeite tem algum poder sacramental verdadeiro. Em outras palavras, que comunicasse a graça da cura. Mas é provável que a maioria deles visse no azeite um mero meio de confirmação da fé. Era algo que faziam a fim de mostrar sua fé.²⁹

Alguns crentes da atualidade continuam usando o óleo desse modo e com essa atitude, e não como se o mesmo tivesse propriedades sacramentais. Esta prática é mais comum no meio pentecostal e neopentecostal e algumas igrejas carismáticas.³⁰

“Essas instruções a respeito de orações pelos enfermos e da unção com óleo têm uma importância particular para os cristãos pentecostais e carismáticos”.³¹

²⁶ CHAMPLIN, 2002, p. 81.

²⁷ CHAMPLIN, 2002, p. 81.

²⁸ CHAMPLIN, 2002, p. 81.

²⁹ CHAMPLIN, 2002, p. 81.

³⁰ CABRAL, 2009, p. 49.

³¹ ARRINGTON, F. L.; STROSTAD, Roger. *Comentário Bíblico Pentecostal: Novo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2012. v.2. p. 884.

O uso do nome do Senhor, que se refere a Jesus Cristo, faz da unção com óleo um ato espiritual e não um mero tratamento médico. “O Senhor Jesus é o poder divino por detrás da cura espiritual; ou, pelo menos, devido à graça divina, o potencial da cura tem permissão de ser liberado para que possa haver a cura”.³²

O poder de Cristo para curar continua vigente em nossos dias, assim como nos dias de sua carne, embora Ele não se faça presente fisicamente em nosso meio.³³

A cura pela oração da fé

A bíblia ensina pelo menos dois modos distintos de orar pelos enfermos. O primeiro modo é a oração com imposição de mãos sobre os enfermos (Mc 10.16; 16.17,18; At 9.17). A imposição de mãos por si só não produz efeito algum, mas fazendo-o em nome do Senhor Jesus, produz liberação de poder e autoridade para curar os enfermos. O segundo modo é a oração com o ato de ungir com óleo a cabeça do enfermo (Mc 6.13; Tg 5.14,15). Este ato de ungir é apenas simbólico, com sentido de confirmação da oração da fé (Tg 5.15).³⁴

A cura dos enfermos não se dá pela unção com o óleo em si, mas sim pela oração da fé em nome do Senhor. Deus pode curar com ou sem esses meios, de uma forma ou de outra é Ele quem opera a cura.³⁵

O que vem a ser a oração da fé que cura os enfermos? Uma resposta para este questionamento é chegarmos a Deus com confiança, para apresentarmos a Ele nossa petição e se esta for segundo a sua vontade será atendida (1 Jo 5.14,15).³⁶

Deve ser consultada a vontade de Deus nos casos de cura, porque nem todos os enfermos serão curados: em alguns casos Deus quer manifestar seu propósito através da enfermidade. “Além disso, em alguns casos a cura é merecida; mas, em outros casos, se deve a pura graça divina. Em nenhum desses casos, entretanto, a cura é sem propósito e sem seguir determinadas leis espirituais”.³⁷

A fé é o veículo que conduz o enfermo, mediante encorajamento e liberação do fluxo da energia curadora, a efetivação da cura. Apesar que esta pode ocorrer com a ausência da

³² CHAMPLIN, 2002, p. 81-82.

³³ CHAMPLIN, 2002, p. 81.

³⁴ CABRAL, 2009, p. 49.

³⁵ WIERSBE, Warren W. *Comentário Bíblico Expositivo: Novo Testamento 2*. Tradução Susana E. Klassen. Santo André, SP: Geográfica, 2001. v.6. p.495.

³⁶ WIERSBE, 2001, p. 495.

³⁷ CHAMPLIN, 2002, p. 82.

fé ou quando a fé é impossível da parte de quem está sendo curado (como no caso de pessoas inconscientes ou do levantamento de mortos). Mas o normal, para que a cura ocorra de fato, é que a fé precisa necessariamente estar presente. “Além disso, deve haver fé da parte daqueles que oram para que haja cura, como da parte das pessoas que querem receber a cura. Esse é o elemento que agrada a Deus, e Ele o honra de tal modo que dá a graça da cura, tornando-a eficaz em cada caso”.³⁸

Considerações finais

A unção com óleo acompanhada da oração da fé, foi uma prática apostólica que gerou resultados extraordinários: a cura dos enfermos, conforme está narrado em Mc 6.13.

O uso da unção com óleo acompanhou a história da igreja, e esta foi uma prática comum na igreja cristã; com o passar do tempo sua finalidade foi desvirtuada, ou seja, a unção dos enfermos com óleo para cura física, como é o ensino bíblico e apostólico, tornou-se um sacramento com rituais específicos e propósitos distintos. O óleo já não era usado para efeitos curadores, para recuperação da saúde, mas para a transmissão da graça perdoadora, visando o perdão dos pecados antes da morte.

No contexto pentecostal e neopentecostal também ocorrem exageros e discrepâncias em relação ao verdadeiro sentido da unção com óleo de pessoas enfermas. Em alguns casos, denominações religiosas tem se valido dessa prática para arrecadação de fundos monetários, ou seja, tem “comercializado” a dádiva divina contrariando completamente o ensinamento apostólico acerca da unção dos enfermos.

A prática da unção com óleo de enfermos é para nossos dias, muitas pessoas têm alcançado a bênção da cura física, como também da cura espiritual, nas suas vidas por meio de sua fé e da fé daqueles que por elas oraram. Não é o óleo, nem o pastor ou presbítero que curam, mas sim, o Senhor Jesus por meio da fé e da oração em Seu nome pois, “toda boa dádiva e todo dom perfeito procedem do alto, descendo do pai das luzes” (Tg 1.17).

REFERÊNCIAS

ARRINGTON, F. L.; STROSTAD, Roger. *Comentário Bíblico Pentecostal: Novo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2012. v.2. p. 883-885.

³⁸ CHAMPLIN, 2002, p. 81-82.

CABRAL, E. Cura Divina, Provisão para os Tempos Atuais. *Manual do Obreiro: Doutrinas Bíblicas Pentecostais*. Rio de Janeiro, Ano 31, n.45, p.45, 2009.

CALVINO, João. *As Institutas*. Ed.clássica. São Paulo: Cultura Cristã. 1985. v.4. p. 434.

CAMPELO, Walter A. *Unção com Óleo: uma reflexão bíblica e histórica*. Disponível em: www.cacp.org.br/uncao-com-oleo-uma-reflexao-biblica-e-historica/print. 26 de maio de 2014.

CHAMPLIN, R.N. *O Antigo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*. 2. ed. São Paulo: Hagnos, 2001. v.7. p. 5409 - 5410.

_____. *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*. São Paulo: Hagnos, 2002. v. 6. p. 81-82.

COENEN, Lothar; BROWN, Colin (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 2.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Pastoral da Unção dos Enfermos*. Itaiaci: Paulinas, 1979.

MOTYER, J.A., Unção, Ungido. In: DOUGLAS, J.D. (org.); BRUCE, F.F. et al. *O Novo Dicionário da Bíblia*. Tradução João Bentes. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. p.1640.

SHOGREN, G. S. *Will God Heal Us: A Re-Examination of James 5.14-16a*. The Evangelical Quaterly 61:2. 1989, p. 99-108.

WIERSBE, Warren W. *Comentário Bíblico Expositivo: Novo Testamento 2*. Tradução Susana E. Klassen. Santo André, SP: Geográfica, 2001. v.6. p.494-496.